

**A QUESTÃO DA MORTE EM *O CAVALO E SEU MENINO*, DE  
C. S. LEWIS, E SUA IMPORTÂNCIA NO PROCESSO DE  
FORMAÇÃO DA PSIQUE DA CRIANÇA**

*Carla Cristina de Moraes Gomes* (UFRRJ)

[carlacris15moraes@gmail.com](mailto:carlacris15moraes@gmail.com)

*Mario Cesar Newman de Queiroz* (UFRRJ)

[mcnqsofocles@gmail.com](mailto:mcnqsofocles@gmail.com)

**RESUMO**

A presente pesquisa realiza uma análise do livro “O Cavalo e seu menino”, da obra “As Crônicas de Nárnia”, de C.S. Lewis, sob o viés psicanalítico e busca evidenciar a importância de abordar um tema considerado tabu, como a morte, através da leitura de contos de fadas, já que o gênero literário citado é um relevante agente no processo de formação psíquica da criança. Dessa forma, ainda que o assunto da morte não seja aprofundado na narrativa de C.S. Lewis, este trabalho buscou promover a discussão sobre apresentar um tema considerado sombrio nos contos de fadas e mostrar que, apesar de muitos adultos resolverem afastar as crianças de histórias como a de Lewis, estas a ajudam em seu crescimento. Como referencial teórico os estudos do psicólogo Bruno Bettelheim em “A psicanálise dos contos de fadas” (2007) e as pesquisas de Marie-Louise Von Franz em suas obras “A interpretação dos contos de fada” (2008) e “A sombra e o mal nos contos de fadas” (2002) foram significativos para o progresso deste trabalho, pois, ambos estudiosos ressaltam os efeitos que os contos de fadas produzem para a formação da psique da criança. Acompanhando esse processo de análise utilizou-se estudo de Robert Darnton como contraponto reflexivo.

**Palavras-chave:**

Morte. Psicanálise. “O Cavalo e seu menino”. C.S. Lewis. Contos de Fadas.

***1. A origem dos contos de fadas***

Os contos de fadas surgiram, primeiramente, como uma tradição popular oral em que as histórias contadas passavam de geração a geração. Inicialmente, essa tradição oral percorreu pela Europa do século XVII, em tempos que criança ainda não era vista como criança.

Os contos da tradição popular eram mais destinados aos camponeses, e buscavam não somente entretê-los, mas também mostrar a eles como de fato o mundo era e oferecer uma estratégia para enfrentá-lo. Tais contos ajudavam também a nortear os povos, “mapeavam os caminhos do mundo e demonstravam a loucura de se esperar qualquer coisa, além da crueldade, de uma ordem social cruel” (DARNTON, 1986, p. 59). Além disso, tinham o intuito de divertir os adultos e tais “[...] histórias pertenciam sempre a um fundo de cultura popular, que os camponeses

ses foram acumulando através dos séculos, com perdas notavelmente pequenas” (DARNTON, 1986, p. 32).

Os contos orais não defendiam a imoralidade, mas mostravam que nem sempre a virtude seria recompensada e que era preciso ter uma “desconfiança básica”. Com esse propósito de alertar e sugerir certa cautela, Darnton (1986) destaca que os contos

Sem fazer pregações nem dar lições de moral, os contos franceses demonstram que o mundo é duro e perigoso. Embora, na maioria, não fossem endereçados às crianças tendem a sugerir cautela. Como seergussem letrados de advertência, por exemplo, em torno à busca de fortuna: ‘Perigo!’; ‘Estrada interrompida!’; ‘Vá devagar!’; ‘Pare!’ É verdade que alguns contêm uma mensagem positiva. Mostram que a generosidade, a honestidade e a coragem são recompensadas. Mas não inspiram muita confiança na eficácia de se amar os inimigos e oferecer a outra face. Em vez disso, demonstram que [...] não se pode confiar em todos aqueles que se encontra pelo caminho. Alguns estranhos talvez se transformem em príncipes e fadas bondosas; mas outros podem ser lobos e feiticeiras, e não há maneira de distinguir uns dos outros. (DARNTON, 1986, p. 78)

No fim do século XVII e início do século XVIII, surgem algumas figuras importantes para a denominação do termo “conto de fadas”, como o italiano Giambattista Basile (1566- 1632), que reúne contos da tradição oral e as compila na obra *Pentamerone*, e posteriormente, Charles Perrault (1628-1703) que também aparece como “mestre do gênero” conto de fadas, ao recolher material da tradição oral do povo e retocar os contos “para atender ao gosto dos sofisticados frequentadores dos salões” onde os contos agora eram contados e “aos quais ele endereçou a primeira versão publicada de Mamãe Ganso”, edição de seu livro compilado de histórias da tradição popular oral. (DARNTON, 1986, p. 24).

Somente no final do século XVIII, que segundo Ariés (1981) a criança é entendida como um ser inocente, e a infância passa a ser considerada como uma fase da vida. A partir disso, podemos comentar que, de acordo com Franz (2008, p. 11) os contos de fadas passam então a estar “vinculados à educação de crianças” e começam a ser destinados a elas também.

O teórico Peter Hunt (2010, p. 43) em seu livro sobre *Crítica, Teoria e Literatura Infantil*, vai comentar que “os livros para criança têm, e tiveram, grande influência social e educacional; são importantes tanto em termos políticos como comerciais”. Desse modo, reitera que os livros para crianças são reconhecidos como “um ‘tipo’ de texto em diversos países do mundo desde meados do século XVIII (embora alguns críticos considerem datas anteriores a essa)”. Com isso, Hunt (2010, p. 57) tam-

bém ressalta que a partir do século XIX os livros para criança “tinham forte peso didático e que se destinavam principalmente a moldar as crianças em termos intelectuais ou políticos”. Pode-se notar também que, segundo Hunt (2010),

Existem, por exemplo, muitos dados sugerindo que, no século XIX, as crianças eram construídas como *desejosas* de morrer – para irem até Deus – como um alívio para seus pais. O leitor do século XX pode achar que o alto número de mortes de personagens crianças nesses livros advém de uma sociedade brutal ou descuidada; na verdade, essas mortes são o resultado de uma complexa trama de salvação, medo, controle e perda. (HUNT, 2010, p. 291)

De fato, muitas histórias tinham um alto número de mortes como Hunt (2010) comentou acima. Uma dessas histórias, por exemplo, é a do dinamarquês Hans Christian Andersen (1805-1875) que escreveu o conto “A pequena sereia” em 1837, onde a história da sereia terminou de forma trágica, com a protagonista optando pelo suicídio ao atirar-se no mar, como podemos observar no trecho a seguir:

Mais uma vez a sereiazinha olhou para o príncipe, com os olhos embaciados pela morte; depois, atirou-se para o mar, onde sentiu o corpo dissolver-se em espuma.

E então o Sol ergueu-se do oceano e os seus raios quentes tombaram docemente sobre a espuma. A sereiazinha não se sentia morta. Viu o Sol brilhar e também, flutuando acima dela, centenas de belas criaturas, transparentes. Através delas, via as velas brancas do navio e as nuvens rosadas no céu. As vozes das criaturas pareciam música, mas de uma espécie tão etérea que os ouvidos humanos não conseguiam ouvi-la, tal como os olhos humanos não as viam. (ANDERSEN, 1994, p. 42)

Na história original de “A pequena sereia”, a sereia opta pelo suicídio, pois, acreditava que ganharia uma alma, e não por não ter tido o amor do príncipe, como muitos acreditam. A sereia passou por momentos difíceis, sim, mas não foi por eles que decidiu se matar. Tal história teve algumas adaptações ao longo dos anos para torná-la uma narrativa mais “feliz”, e não só essa história, mas diversas outras consideradas “cruéis” foram sendo adaptadas em versões mais alegres, provavelmente pela crença que se propagava entre os pais, de que “a criança deve ser afastada daquilo que mais a perturba, e que só a realidade consciente ou imagens agradáveis e otimistas deveriam ser apresentadas” a ela. (BETTELHEIM, 2007, p. 14). De acordo com Hunt (2010, p. 58) “com certeza existem muitos argumentos *em favor* das mudanças. Por exemplo: [...] certas referências (como à morte) não são boas ou apropriadas para crianças”.

Desse modo, acreditava-se então que as crianças precisavam ser afastadas dos contos sombrios, e assim, começou a ocorrer uma espécie de movimento de resistência por parte dos pais, e que se propagou pela sociedade, entre os séculos XIX e XX, acarretando num privamento dos pais em deixarem seus filhos lerem contos de fadas.

Em vista disso, acabou ocorrendo também um refinamento de determinadas histórias durante o passar dos séculos, se tornando menos sombrias e mais “felizes”. Lewis (2009, p. 749) vai discordar sobre essa ideia de refinamento e comenta que se o pai apenas deixar que a criança “leia histórias inocentes sobre a vida infantil, em que nada de assustador jamais acontece, além de não conseguir eliminar os terrores, acabará por eliminar da vida dele tudo o que possa torná-los respeitáveis ou suportáveis”.

Assim, Bettelheim (2007, p. 169) vai mencionar que os pais tinham resistência aos contos de fadas porque temiam que a mente de seus filhos pudesse ficar saturada de fantasias a ponto de não se preocuparem em aprender a lidar com a realidade. Com base na psicanálise, Bettelheim (2007) vai dizer que na verdade, o oposto é que é verdadeiro e embora

[...] sejamos complexos – conflituosos, ambivalentes, repletos de contradições –, a personalidade humana é indivisível. Qualquer que seja a experiência, sempre afeta todos os aspectos da personalidade ao mesmo tempo. E a personalidade total, de modo a poder lidar com as tarefas da vida, necessita do respaldo de uma fantasia rica combinada a uma consciência firme e uma apreensão clara da realidade. (BETTELHEIM, 2007, p. 169)

De fato, sabemos que a vida real não é só alegria e, por isso, é muito importante poder mostrar para as crianças também que existem dois lados: o do bem e o do mal; que nos contos de fadas “são corporificados sob a forma de algumas personagens e suas ações” (BETTELHEIM, 2007, p. 16). Dessa forma, é injusto querer privar as crianças dos contos de fadas, pois, por mais sombrios que possam ser, através deles é possível apresentar para a criança os diferentes tipos de perigos e conflitos que ela possa vir a enfrentar. Por fim, todas essas questões e essas mudanças da sociedade foram produzindo o gênero conto de fadas como nós compreendemos a partir do século XX.

## 2. A questão da morte em “O cavalo e seu menino”

É possível que C. S. Lewis ao publicar *O Cavalo e seu menino* em 1954, tenha sentido a necessidade de abordar temas que não eram muito discutidos e que chegavam – e ainda chegam – a ser considerados “tabus” pela sociedade. Um dos temas que aparecem nesta narrativa e que é o foco deste trabalho é a morte.

Sábria e sutilmente, Lewis conseguiu trazer à tona um tema relevante ao apontar a problemática da morte em “O Cavalo e seu menino” com a personagem infantil Aravis. A jovem não chega de fato a cometer suicídio na narrativa, porém há toda uma alegoria criada acerca dessa problemática da morte que vale a pena ser discutida.

Após ter a notícia de que teria que se casar, Aravis entra em desespero num primeiro momento, mas logo em seguida resolve cavalgar e para em um bosque onde não há ninguém. A menina retira sua adaga e se prepara para cometer o ato de tirar a própria vida. Porém, Aravis é salva a tempo por sua égua Huin, como podemos identificar no trecho:

– Abri as minhas vestes onde julgava ser o caminho mais certo ao coração e o implorei a todos os deuses que me conduzissem para junto de meu irmão, tão logo me fosse. Fechei os olhos, cerrei os dentes, preparando-me para enterrar a adaga no peito. Antes que o fizesse, esta égua falou, com a mesma voz das filhas dos homens. Falou e disse: “Minha ama, não se destrua, pois, se viver, ainda poderá alcançar o favor do destino; mas os mortos são iguais a todos os mortos”. (LEWIS, 2009, p. 208)

Esse ato da égua Huin é algo que passou a ser comum dos contos de fadas, em que se utiliza a imagem de um animal falante para “ajudar” alguém que está em “apuros” e, conseqüentemente, essa estratégia consegue produzir sentimentos de esperanças na criança. De acordo com Bettelheim (2007) tem uma explicação para esse tipo de solução narrativa.

Para a criança que tenta entender o mundo, parece razoável esperar respostas daqueles objetos que despertam a sua curiosidade. E, uma vez que a criança é egocêntrica, espera que o animal fale sobre as coisas que são realmente significativas para ela, como fazem os animais nos contos de fadas, e como ela própria fala com seus animais reais ou de brinquedo. Uma criança está convencida de que o animal entende e sente como ela, mesmo que não o demonstre abertamente. (BETTELHEIM, 2007, p. 68)

Uma vez que a personagem Aravis cogitou a possibilidade de não existir mais, apareceu a figura de um animal falante para mostrá-la o quanto sua vida importa, e que, de certa forma, não há problema nesse mundo que não possa ser resolvido. Logo, a égua Huin aparece com uma solução para Aravis:

– Voltei-me, portanto, ao sacrifício; mas Huin aproximou-se, colocando a cabeça entre mim e a adaga, alentando-me com as razões mais excelentes, ralhando comigo como faz a mãe com o filho. Dessa feita, meu espanto foi tão grande que esqueci de matar-me [...] Ela respondeu: “Minha ama, em Nármia seria feliz, pois, nesta terra, jovem alguma é obrigada a casar-se contra a vontade.” E, depois de termos conversado durante longo tempo, a esperança retornou-me ao coração e alegrei-me de estar viva (LEWIS, 2009, p. 208)

Podemos notar também, logo no começo quando Aravis vai para enfiar a adaga em seu peito, ela comenta seu desejo de querer que os deuses a levem para junto do irmão que já morreu, e Franz (2008, p. 171) vai comentar que psicologicamente há um fenômeno de atração da morte, e que depois da morte de um parente próximo, tal fenômeno é visto melhor.

Todos os que perderam alguém que amaram sempre passam pela terrível experiência de querer se dirigir a ele ou ela então caem na escuridão de um buraco no chão. E se isso acontece a alguém não muito consciente, que não percebe o que está acontecendo, se a personalidade não é forte, essa pessoa pode se dissociar ou a energia se dirige a objetos inapropriados. (FRANZ, 2008, p. 172)

Claramente os contos de fadas mostram-se importantes para o desenvolvimento da criança, porque não só levam em consideração as “angústias e dilemas existenciais” delas, mas também porque se dirige diretamente a elas: “a necessidade de ser amado e o medo de ser considerado sem valor; o amor pela vida e o medo da morte” (BETTELHEIM, 2007, p. 18). Nos contos de fadas a criança consegue visualizar os possíveis problemas e dilemas do personagem, se identificar de certa forma com a história, e assim, entender a mensagem que o conto transmite.

O conto de fadas procede de um modo conforme àquele segundo o qual uma criança pensa e experimenta o mundo; é por isso que ele é tão convincente para ela. A criança pode obter um conforto muito maior de um conto de fadas do que de um esforço para confortá-la baseado em raciocínios e pontos de vista adultos. Uma criança confia no que o conto de fadas diz porque a visão de mundo aí apresentada está de acordo com a sua. (BETTELHEIM, 2007, p. 67)

Bettelheim (2007, p. 20) afirma ainda que o conto de fadas auxilia no desenvolvimento da personalidade da criança e o seu impacto psicológico não poderia ser tão forte se não fosse pelo fato de o conto de fadas ter um encantamento, ser antes de tudo uma obra de arte. Os contos “são ímpares (...) e compreensíveis pela criança como nenhuma outra obra de arte é”. Desse modo, abordar temas pouco discutidos na nossa sociedade, como a questão da morte, seja ela comum ao ser humano, ou, ainda, em decorrência de suicídio, ainda mais apresentado em um conto de fadas, é

algo fundamental, pois, a literatura nesse caso pode ser utilizada como um suporte para se abordar a temática, tendo um importante papel no processo de quebra de tabu. Assim, a criança ao ler conto de fadas e se deparar com tal situação, como a de Aravis, percebe também que há soluções para os possíveis problemas que ela esteja passando, e consegue se encorajar a enfrentá-los de alguma forma. A esse respeito Franz (2008) afirma.

Quando se contam histórias de fada para as crianças, elas se identificam ingênua e imediatamente e captam toda a atmosfera e sentimento que a história contém. (FRANZ, 2008, p. 74)

Em “O Cavalo e seu menino”, Aravis encontra, em um primeiro momento, a morte como sua única saída contra o casamento arranjado. Só que sua égua lhe dá uma solução para seu problema, e com isso, a jovem acaba voltando a ter esperanças de que sua adversidade poderia ser resolvida sem precisar cometer suicídio para isso. Sobre a questão da morte de dois parentes de Aravis, apesar de se sentir sozinha no começo da narrativa, e sentir falta de sua mãe e seu irmão, a jovem entende que não está desamparada e que Huin está ao seu lado. É importante ressaltar também que, segundo Bettelheim (2007, p. 179) “quanto mais profundamente infelizes e desesperados estamos, mais necessitamos de ser capazes de nos envolver em fantasias otimistas [...]” e embora o conto apresente uma solução esperançosa, “nenhum conto de fadas em si só fará isso pela criança”, é preciso que os pais, antes de tudo, forneçam esperança a seus filhos também. Logo, o conto é visto como um meio para ajudar, e não um fim, e é importante frisar que abordar tais assuntos, como a questão da morte como um todo, mesmo que brevemente, como realizado por Lewis (2009) em “O Cavalo e seu menino”, possui um valor muito relevante e significativo. Pois é preciso falar sobre o suicídio, sobre a morte, é preciso discutir sobre tais assuntos e não ignorá-los.

### **3. Considerações finais**

Em “O Cavalo e seu menino” o tema sombrio que aparece é a questão da morte, algo presente na vida da personagem Aravis, com sua mãe e seu irmão falecidos. Esse tópico também é desenvolvido durante sua tentativa de suicídio por acreditar que, assim, escaparia de se casar contra sua vontade. Mas, graças a sua égua Huin, Aravis não chega a se matar, e tal estratégia dos contos de fadas, em que a criança é “salva” por um animal falante ao receber uma solução, produz um efeito muito signi-

ficativo na vida do leitor, pois ele entende que existem saídas para sua adversidade.

A questão do suicídio que aparece no conto, ainda que ele não seja desenvolvido por C. S. Lewis na narrativa aqui estudada, esta pesquisa teve o intuito de promover uma discussão a respeito de apresentar temas considerados sombrios e “tabus” nos contos de fadas e mostrar que, apesar de muitos adultos resolverem afastar as crianças de contos assim, estes as ajudam satisfatoriamente em sua formação. Além disso, mostra-se muito pertinente discutir sobre um tema como o suicídio, uma vez que abordá-lo pode ser uma forma de prevenção também.

Portanto, como pôde ser visto, essa pesquisa teve como resultado uma significativa reflexão acerca da importância dos contos de fadas para o desenvolvimento psicológico da criança, uma vez que tal gênero contribui significativamente para isso, conforme foi mostrado com base nos estudos do psicólogo Bruno Bettelheim e de Marie-Louise Von Franz.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSEN, H. C. *A pequena sereia*. Trad. de Per Johns. Porto Alegre: Kuarup, 1994.

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2. ed. Trad. de Dora Flaks. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1981.

BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise dos contos de fadas*. 21. ed. Trad. de Arlene Caetano. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000. p. 54-179

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa*. 2. ed. Trad. de Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986. p. 20- 101

FRANZ, Marie-Louise von. *A interpretação dos contos de fada*. 7. ed. Trad. de Maria Elci Spaccaquerche Barbosa. São Paulo: Paulus, 2008.

\_\_\_\_\_. *A sombra e o mal nos contos de fadas*. 3. ed. Trad. Maria Christina Penteado Kujawski. São Paulo: Paulus, 2002.



*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

HUNT, Peter. Crítica, teoria e literatura infantil: Trad. de Cid Knipel. Ed. ver. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LEWIS, C. S. O Cavalo e seu menino. In: LEWIS, C.S. *As crônicas de Nárnia*. 2. ed. Trad. de Silêda Steuernagel e Paulo Mendes Campos. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p. 187-288

\_\_\_\_\_. Três maneiras de escrever para crianças. In: LEWIS, C.S. *As crônicas de Nárnia*. 2. ed. Trad. de Silêda Steuernagel e Paulo Mendes Campos. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p. 741-51

SOCIEDADE C. S. LEWIS BRASIL. *Biografia*. Disponível em: <<https://www.sociedadecslewisbrasil.org/biografia/>> Acesso em: 04 de novembro de 2018.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Trad. de Silvia Delpy. 2. ed. México: Premia editora de livros S.A., 1981. Versão brasileira: Digital Source.